

A estética

A estética, vem do termo grego *aisthetiké*, que significa "perceptivo pelos sentidos", mas seu uso consagrou-se para se referir mais especificamente a tudo que se pode ser percebido como agradável e belo pelos sentidos.

Costuma-se dizer que "algo é estético" quando causa uma sensação agradável, de beleza. É por isso que chamamos de "centro de estética" um lugar onde se cuida da boa aparência ou beleza corporal de uma pessoa.

O alemão Alexander Baumgarten, teria sido o primeiro a usar o termo estética no sentido de teoria do belo e das suas manifestações através da arte. Mas o filósofo alemão Immanuel Kant retornou ao sentido etimológico dessa palavra quando a usou pra designar uma área específica de estudos filosóficos.

A estética constitui, portanto, um tipo de conhecer que é extremo oposto a do conhecimento lógico-matemático, pois esse fundamento na razão para construir um saber "claro e distinto", conforme o filósofo francês René Descartes.

A estética, por sua vez, parte da experiência sensorial, da sensação, da percepção sensível para chegar a um resultado que não apresenta a mesma clareza e distinção da lógica e da matemática. Seu principal objetivo de investigação é o fenômeno artístico que se traduz na obra de arte.

O que é belo:

Pelo juízo estético, julgamos se algum objeto, algum acontecimento, alguma pessoa ou algum outro ser é belo, mas o que é beleza?

De forma geral, a maioria das pessoas concorda que o belo é algo que nos agrada. No entanto, essas mesmas pessoas não chegariam a um consenso quanto a beleza de determinado objeto. Tanto assim que já se tornou comum afirmar que "gosto não se discute".

também para os filósofos que se dedicaram à investigação do que é a beleza não são unânimes quanto a essa questão: para uns, a beleza é algo que está objetivamente nas coisas, para outros é algo subjetivo, que é diferente para cada coisa.

Visões idealista e empirista:

Para os filósofos idealistas, de acordo com a teoria platônica, a beleza seria como forma ideal que subsistiria por si mesma. E o que percebemos no mundo sensível e achamos bonito só pode ser considerado belo porque se assemelharia à ideia de beleza que trazemos guardada em nossas almas.

Já para os materialistas-empiristas, como o filósofo David Humel, a beleza não está propriamente nos objetos, mas depende do gosto individual, da maneira que cada pessoa vê e valoriza o objeto. Ou seja, esse objeto teria grande influência pela cultura da pessoa.

Visão de kant

Immanuel kant mostrou que embora o juízo estético sobre as coisas seja uma capacidade subjetiva, pessoal, há aspectos universais na percepção estética dos indivíduos. Ou seja, nossa estrutura sensível e nossa imaginação são as condições que tornam possível a percepção estética. E ambos são comuns em todos os seres humanos, o que quer dizer que pode haver uma universalidade nas avaliações estéticas.

Kant também afirmava que "belo é o que apraz universalmente o conceito". Isso significa que é impossível conceituar, definir racionalmente o belo.

Visão de Hegel

Para ele , o relativo consenso acerca de quais são as coisas belas mostra apenas que o entendimento do que é belo depende do momento histórico e do desenvolvimento cultural.

Hegel procurou demonstrar essa tese analisando a história da arte, da antiguidade até seu tempo, e demonstrando que a noção do belo variava conforme a época e lugar.

Em outras palavras, a arte não é apenas prazer e fruição, pois ela tem, sobretudo, o papel de mostrar de modo sensível a evolução espiritual dos seres humanos ao longo da história. Se a obra consegue isso ela é bela, de acordo com Hegel.

Essa concepção hegeliana implica também a ideia de que a percepção da beleza é uma construção social que depende do alargamento da capacidade de recepção do indivíduo, ou seja, de sua capacidade de ver, ouvir e sentir.



Mona Lisa, provavelmente o quadro mais famoso na história da pintura. (1503-1507).

Visão de Schopenhauer

Para Arthur Schopenhauer, a arte tinha um papel diferente, ela traz alívio ao sofrimento humano diante da permanente insatisfação da vontade.

O prazer estético nos liberta da vontade insaciável atrelada às coisas transitórias, dando-nos acesso à dimensão eterna

Então o belo para ele é mais universal que o próprio conhecimento científico, uma vez que nos permitiria vislumbrar mesmo que rapidamente aspectos do mundo em sua plenitude, para além da transitoriedade dos fenômenos.

ARTE

Desde os tempos pré-históricos, o ser humano constrói no mundo suas próprias coisas, demonstrando maior ou menor habilidade para isso ao conjunto que se distingue a arte.

Em alguns momentos de nossas vidas, já sentimos o efeito agradável de uma obra de arte. Mas não é fácil explicar exatamente o que nos encanta ou entender os motivos pelos quais milhões de pessoas, ao longo da história, são atraídos pela arte.

Prática de criar: Deve ser combinado a habilidade do praticar e da imaginação.

Formas perceptíveis: A arte concretiza-se em formas capazes de ser percebidas por nossa mente. Essas formas podem ser estéticas ou dinâmicas.

A palavra perceptível não se refere às formas captadas apenas pelos sentidos exteriores, mas também pela imaginação.

Um romance por exemplo, é usualmente lido em silêncio, com os olhos, porém não é feito para a visão.

Expressão do sentimento humano: A arte é sempre a manifestação dos sentimentos humanos. Esses sentimentos podem revelar emoções diante daquilo que amamos ou revolta em face dos problemas que atingem uma sociedade.

Fenômeno social: Há estudiosos que veem a obra de arte uma manifestação pura e simples da sensibilidade individual do artista. Outros encaram como uma atividade plenamente lúcida, gratuita, livre de quaisquer preocupações utilitárias ou condicionamentos exteriores à sua própria criação. Isso significa que é praticamente impossível situar uma obra de arte sem estabelecer um vínculo entre ela e determinada sociedade.

O artista é um ser social: e como tal, reflete na obra de arte sua maneira própria de o mundo em que vive, as alegrias e as angústias, os problemas e as esperanças do seu ambiente histórico-social. Diz o pensador György Lukács

O artista vive em sociedade, queira ele ou não, pois existe uma influência recíproca entre ele e a sociedade.

Por mais íntima e subjetiva que seja a experiência do artista deixada em sua obra, esta será sempre percebida de alguma maneira pelas pessoas, e será um meio de comunicação entre elas.

Como o fenômeno social, a arte possui, portanto, relações com a sociedade.

No que diz respeito ao artista, as relações de sua arte com a sociedade podem ser de paz e harmonia, de fuga e ilusão, de protestos e revolta.

Fenômeno universal: Afirmar que a arte é um fenômeno social significa reduzi-la a mero produto de condicionamento históricos e ideológicos. Não há dúvidas de que esses condicionamentos existem e atuam sobre o artista.

As circunstâncias particulares presentes na criação artística unem-se, harmoniosamente, a elementos de universalidade, que penetram profundamente no espírito humano, gerando um sentido de permanente fascínio.

Arte e educação

Muitas especulações tenderam a associar o belo e o bom, entrelaçando os campos filosóficos da estética e da ética.

Sócrates e Platão, por exemplo, já diziam que o que é bom é belo, e o que é belo é bom. Não precisamos, porém, ir tão longe, pois o próprio senso comum faz essa ligação. Quando um indivíduo age

mal costuma-se dizer "que feio"; se ele age de maneira ética, fala-se que foi uma "bela" atitude.

O escritor alemão Friedrich von Schiller propôs a educação estética, além de educação ética.

para chegar a uma solução, mesmo em questões políticas, o caminho da estética deve ser buscado, porque é pela beleza que chegamos a liberdade.

Arte e indústria cultural.

A indústria cultural, termo criado por Theodor Adorno, que dizia que os bens culturais com frequência estão submetidos aos interesses do capitalismo contemporâneo e, quando isso ocorre, não passam de negócios, como qualquer outro produto do mercado.

Essa indústria de lazer e divertimento investe em determinados produtos culturais que agradam às massas de formas imediatas. Não está preocupada com uma educação estética, ou seja, com a criação de condições para que a maioria das pessoas possa receber manifestações artísticas de maior qualidade. além disso, a produção em massa torna possível a difusão de "mercadorias culturais" (filmes, shows, músicas, etc.), por meio das quais a indústria

cultural vende, na interpretação de Adorno.

Em algumas de suas expressões como o cinema, a arte chega a ser convertida muitas vezes em vitrine para vender mercadorias.